



***O Didascálicon* de Hugo de São Vítor – Regras de leitura enquanto normas de vida**

***The Disdacialicon* of Hugh of St. Victor – Rules of reading as norms of life**

Maria Simone Marinho NOGUEIRA¹

Resumo: No presente texto procura-se fazer uma reflexão sobre algumas normas estabelecidas em *Da arte de ler*, de Hugo de São Vítor, objetivando mostrar que estas ultrapassam a ideia de uma mera normatividade e se revestem, por sua vez, de uma verdadeira disciplina moral.

Abstract: In the present text looks to make a reflection about some established norms in the *Didascalicon* of Hugh of St. Victor, seeking to show that these overwhelm the idea of a simple normativity and, in turn, recover themselves as a true moral discipline

Palavras-chave: Leitura – Regras – Método – Disciplina moral.

Keywords: Reading – Rules – Method – Moral Discipline.

RECEBIDO: 12.02.2013

ACEITO: 22.03.2013

O século XII é um momento extremamente representativo de uma cultura intelectual que se desenvolve, simultaneamente, em dois tipos de Escola: a

¹ Professora de Filosofia Medieval da Universidade Estadual da Paraíba. Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba. Coordenadora e Pesquisadora do *Principium* – Núcleo de Estudo e Pesquisa em Filosofia Medieval/CNPq: sites.uepb.edu.br/principium E-mail: mar.simonem@gmail.com



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

“Escola Monástica”, que se guiava por um ideal de contemplação, percorrido em silêncio e no afastamento das cidades; e a “Escola Catedral” que se fixou no centro das cidades, em torno das catedrais e que, apesar de não desmerecer o ideal contemplativo, incluía nas suas reflexões os diversos tipos de saberes como as artes liberais (divididas entre o trívio [gramática, retórica e dialética – disciplinas formais] e o quadrívio [aritmética, geometria, astronomia e música – disciplinas reais]), consciente de que o estudo dessas era um caminho para a verdadeira sabedoria.²

Nesse segundo tipo, destaca-se a Escola de São Vítor, instalada em Paris, que teve em Hugo seu grande mestre, autor de uma vasta obra, da qual se sobressai o *Didascálicon – Da arte de ler*, um verdadeiro currículo dos estudos medievais. Composto de seis livros, divididos em duas partes, conforme escreve o próprio Hugo no *Prefácio*, a primeira dá instruções ao leitor sobre as artes e a segunda sobre os livros divinos, ambas procuram prescrever aos leitores uma disciplina de vida.

É apoiando-se nessa ideia que no texto vitorino é apresentada a “regra da humildade”³ como pressuposto de todo saber. Neste sentido, no presente artigo, procura-se fazer uma reflexão sobre algumas normas estabelecidas em *Da arte de ler*, objetivando mostrar que essas ultrapassam a ideia de uma mera normatividade e se revestem, por sua vez, de uma verdadeira disciplina moral.

Para tanto, focaremos a nossa análise no Livro III do texto em epígrafe, levantando algumas regras ali expostas, procurando, ao mesmo tempo, relacioná-las à humildade, que, apesar de possuir muitos ensinamentos, podem ser destacados três, que, segundo Hugo, importam mais de perto ao estudante. São eles: “1) primeiro, não reputar de pouco valor nenhuma ciência e nenhum escrito; 2) segundo, não ter vergonha de aprender de qualquer um, 3) terceiro, não desprezar os outros depois de ter alcançado o saber”.⁴

² Este texto é uma versão modificada de um trabalho apresentado no *I Encontro Regional ABREM Centro-Oeste*, na cidade de Cuiabá.

³ É importante esclarecer que Hugo de São Vítor não utiliza o termo “regra” para expor os preceitos elencados em *Da arte de ler*, Livro III. A opção é nossa e, portanto, sempre que citarmos o que consideramos, na nossa interpretação, ser uma regra da correta condução da leitura (como a ordenação, a divisão, a moderação e a síntese), utilizaremos esses preceitos entre aspas. Por exemplo: “regra da humildade”, “regra da síntese” e assim sucessivamente.

⁴ “(...) primum, ut nullam scientiam, nullam scripturam vilem teneat, secundum, ut a nemine discere erubescat, tertium, ut cum scientiam adeptus fuerit, ceteros non



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia* 16 (2013/1)

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

No entanto, antes de nos determos no Livro III, objeto de nosso estudo, vejamos, de uma forma geral e sucinta, o *Da arte de ler* do Mestre Hugo. A obra, como já dissemos, está dividida em seis livros que, por sua vez, se subdividem em duas partes. A primeira é composta pelos três primeiros livros que versam sobre as coisas humanas que podem ser conhecidas através das obras literárias; a segunda parte é composta pelos três últimos livros que discorrem sobre as coisas divinas que podemos conhecer através da Escritura.

Em ambas as partes o fio condutor é o da correta leitura, ou, como escreve o Mestre de São Vítor no *Prefácio*: “Existem principalmente duas coisas por meio das quais uma pessoa adquire conhecimentos, ou seja, a leitura e a meditação. Destas, a leitura detém o primeiro lugar na instrução, e dela se ocupa este livro, dando as regras do ler”.⁵

Posto isso, o Livro I abre-se com a seguinte afirmação: “De todas as coisas a serem buscadas, a primeira é a Sapiência, na qual reside a forma do bem perfeito”⁶. Ora, essa *Sapientia* nada mais é do que a Mente Divina ou a Forma Perfeita que forma todas as coisas, inclusive o homem que, olhando para si mesmo, encontra os vestígios daquela *Sapientia* através de um processo de iluminação.⁷

contemnat”, p.154-155 (as páginas pares correspondem ao texto em latim, as ímpares, à tradução em língua portuguesa. Estamos utilizando a seguinte edição brasileira: HUGO DE SÃO VÍTOR. *Didascálicon – Da arte de ler*. Tradução Antonio Marchionni. Petrópolis: Vozes, 2001. O texto latino dessa tradução se pauta, por sua vez, na seguinte edição crítica: *Edição do Migne, Hugonis de Sancto Victore Canonici Regularis S. Victoris Parisiensis Tum pietate Tum doctrina insignis Opera Omnia tribus tomis digesta*, accurante J.-P. Migne, Parisiis, apud Garnier Frates, Editores et J.-P. Migne successores, 1879. Vol. 175, 176, 177. Doravante, toda referência a esse texto seguirá o seguinte modelo: *Da arte de ler*, III, Cap. 1, p.131-132 (respectivamente: subtítulo da obra, número do livro [já que a obra é dividida em 6 livros], capítulo do livro e página.

⁵ “Duae praecipue res sunt quibus quisque ad scientiam instruitur, videlicet lectio et meditatio, e quibus lectio priorem in doctrina obtinet locum, et de hac tractat liber iste dando praecepta legendi”. *Da arte de ler*, Prefácio, p. 44-45.

⁶ “Omnium expetendorum prima est sapientia, in qua perfecti boni forma consistit”. *Da arte de ler*, I, Cap. 1, p. 46-47.

⁷ Nosso texto, como já dissemos, limitar-se-á às “regras de leitura” na sua relação com as “regras da moral” estabelecidas no Livro III. Portanto, não abordaremos aqui a reflexão que é feita sobre a *Sapientia*.



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16* (2013/1)

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

Este processo, por sua vez, implica três ações por parte do homem: ler, refletir e contemplar, como veremos mais adiante quando analisarmos algumas regras do texto do vitorino. No momento, voltemos ao Livro I a fim de resumirmos o seu conteúdo. Logo depois de colocar a *Sapientia* como indispensável para o autoconhecimento humano, Hugo de São Vítor dá uma primeira definição da filosofia como sendo a procura da *Sapientia*.⁸

Coloca, assim, nesse Livro, as bases da sua filosofia, expondo, ainda, as divisões e subdivisões da filosofia, incluindo aí uma novidade para a época: as artes mecânicas, que serão o objeto de estudo, juntamente com as artes do quadrívio, do Livro II. Por fim, os Livros IV, V e VI abordam, respectivamente, a leitura dos livros sagrados, a interpretação dessa leitura e os métodos de interpretação da Escritura. Feita, então, essa breve exposição, passemos ao texto do Livro III e à sua normatividade.

O Livro III está dividido em 19 capítulos que discorrem desde as divisões da filosofia, passando pelas suas funções e pelos seus principais representantes, chegando até as normas sobre o que é necessário a um correto estudo, como a ordem da leitura, o modo correto de ler, a importância da memória, a dedicação à pesquisa, a análise minuciosa, por fim, até o final desse livro, Hugo aborda, ainda, questões como a disciplina moral, a humildade, a quietação, a sobriedade, concluindo com uma reflexão sobre o exílio.

Desse modo, logo depois de enumerar as divisões da filosofia, ele discorre sobre as artes que devem ser lidas inicialmente, destacando, como é natural para a sua época, as disciplinas do trívio e do quadrívio. Chega mesmo a mostrá-las como propedêuticas para o pleno conhecimento da verdade filosófica. No entanto, escreve Hugo, como os estudantes do seu tempo (e pensamos que o mesmo pode ser dito, infelizmente, da muitos dos nossos

⁸ Pauta-se, para essa definição, em Pitágoras (cf. *Da arte de ler*, I, Cap. 1, p. 53-54). Oferece-nos, ainda, mais algumas definições da filosofia, como podemos ler, por exemplo, em *Da arte de ler*, II, Cap. 1, p. 84-85: “(...) Philosophia est meditatio mortis, quod magis convenit Christianis, qui saeculi ambitione calcata, conversatione disciplinali, similitudine futurae patriae vivunt”. (“[...] A filosofia é a meditação da morte, coisa que convém, sobretudo, aos cristãos, os quais, desprezada a ambição terrena, vivem num estilo de vida disciplinado, à semelhança da pátria futura”). Tal definição justifica o que um dos seus estudiosos escreve sobre o livro: “Dependendo do ângulo de análise, é visto como um livro ora filosófico, ora místico, ora ético, ora antropológico, ora pedagógico”. MARCHIONNI, Antonio. *Introdução à tradução Da arte de ler*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 27.



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16* (2013/1)

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

estudantes) não querem ou não sabem manter um método adequado de aprendizagem e nem todos possuem discernimento para compreender o que é mais proveitoso nos estudos, ele indica os escritos que lhe parecem mais úteis, bem como o modo como os estudantes poderão melhor aprender, não sem antes fazer a seguinte advertência: “É mal fazer o bem com negligência, mas é pior gastar muitas energias inutilmente”.⁹

Depois disso, o professor da Escola de São Vítor enumera dois tipos de escritos: os que se chamam propriamente artes e os que são complementos das artes. Na primeira categoria estão aqueles cujos conteúdos fazem parte de alguma divisão da filosofia (como a gramática e a dialética, por exemplo); na segunda categoria estão os escritos que se relacionam com a filosofia (como as tragédias e a comédias, por exemplo). Estes últimos escritos, conforme Hugo, quando têm uma exposição clara, preparam a via para a filosofia e, assim, pode-se afirmar que “(...) as artes, sem seus complementos, podem levar o leitor à perfeição, mas os complementos, sem as artes, não conseguem conferir nenhum grau de perfeição”.¹⁰

No entanto, ele demonstra que um bom mestre de filosofia deve possuir, além do rigor, a sensibilidade e, desse modo, depois de afirmar que se deve procurar ler os escritos onde se encontram os fundamentos do saber, ou seja, as artes e não os seus complementos, acrescenta, entretanto, que “(...) sobrando tempo, leiam-se também os outros escritos, pois às vezes as coisas sérias, quando misturadas com as jocosas, agradam mais, e a raridade torna precioso o bom”.¹¹

Ora, a partir desse ponto começa a se evidenciar que as regras do texto vitorino estão inter-relacionadas a uma certa disciplina moral, posto que não são apresentadas numa espécie de manual normativo em que apenas são enumeradas e devem ser cumpridas sem que se reflita sobre o seu real valor para a construção de um ser humano, minimamente, íntegro e ético. Neste sentido, em um certo passo do seu texto, quando se refere ao ensino, Hugo

⁹ “Malum est bonum negliger agere, peius est in vanum labores multos expendere”. *Da arte de ler*, III, Cap. 3, p. 138-139.

¹⁰ “(...) artes sine appendiciis suis perfectum facere lectorem possunt, illa sine artibus nihil perfectionis conferre valent(...)”. *Da arte de ler*, III, Cap. IV, p. 140-141.

¹¹ “(...) si vacat, legantur, quia aliquando plus delectare solent seriis admixta ludicra, et raritas pretiosum facit bonum”. *Da arte de ler*, III, Cap. IV, p. 142-143.



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

critica aqueles professores que em vez de atribuir a cada arte aquilo que lhe é próprio, misturam todas elas, acumulando coisas supérfluas, o que só demonstra que estão muito mais preocupados em ostentar a sua própria ciência que em ensinar corretamente aos seus alunos, ou seja, quando o professor repassa aos seus alunos muitas informações acessórias, sem ir diretamente ao cerne da questão ou sem atribuir a cada “disciplina” o que lhe é devido, está preocupado apenas consigo e com a sua “falsa imagem de sábio” e não com o seu aluno e com aquilo que deve ser ensinado. Ele chega mesmo a chamar de perverso esse costume, pois, nas suas próprias palavras, “quanto mais você acumula as coisas supérfluas, tanto menos poderá compreender e reter as úteis”.¹²

Logo, se em meio ao que é importante há muita superficialidade e o professor mistura o importante com o supérfluo apenas para mostrar que domina muitas artes, então, os alunos terão muito mais dificuldades para compreender e reter o que realmente interessa. Talvez isso marque uma diferença, contemporânea, importante, entre “ser professor” e “ser educador” e as consequências dessa diferença nos permite afirmar, como Hugo já fizera em sua época, que encontramos muitos estudantes, mas poucos sábios.

Desta forma, e procurando não somente ensinar, mas também educar, o Mestre Hugo estabelece três coisas necessárias ao estudante, que estão relacionadas às regras que são colocadas ao longo do Livro III e também à “regra da humildade”. Aquelas três coisas são:

1) as qualidades naturais, 2) o exercício e 3) a disciplina. As qualidades naturais, para que entenda facilmente aquilo que ouve e memorize firmemente aquilo que entendeu. O exercício, para que eduque as qualidades naturais mediante o trabalho e a persistência. A disciplina, para que, vivendo em modo louvável, harmonize a conduta com o saber.¹³

¹² Eis a citação completa: “Attende quam perversa sit haec consuetudo, cum profecto quanto magis superflua aggregaveris, tanto minus ea quae utilia sunt capere possis vel retinere”. *Da arte de ler*, III, Cap. V, p. 144-145.

¹³ “(...) natura, exercitium, disciplina. In natura consideratur ut facile audita percipiat et percepta firmiter retineat; in exercitio, ut labore et sedulitate naturalem sensum excolat; in disciplina, ut laudabiliter vivens mores cum scientia componat”. *Da arte de ler*, III, Cap. VI, p. 146-147.



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

Percebemos, portanto, sobretudo no que ele denomina por disciplina, que o saber deve estar harmonizado com a conduta humana e, assim, quase todas as regras que aparecem como necessárias ao exercício do aprender revestem-se de uma verdadeira disciplina moral, cujo início, como o próprio Hugo afirma, é a humildade.

Ora, se esta aparece explicitamente na reflexão que é feita sobre a disciplina moral, aparece, também, só que de forma implícita, no que diz respeito às qualidades naturais, ao exercício e à disciplina, que em vários passos do texto não tem o sentido de “disciplina moral”, mas apenas de “constância” ou de “comportamento metódico”. Reflitamos, assim, sobre algumas regras que aparecem nas “três coisas necessárias aos estudantes”.

Das qualidades naturais ou do engenho natural fazem parte a inteligência e a memória e as duas estão de tal forma unidas que, se uma faltar, a outra sozinha não conduz ninguém a lado algum. Por sua vez, o exercício dessa força natural da alma (o engenho) acontece através de duas atividades: a leitura e a meditação.

Enquanto esta última não está presa a nenhuma regra, já que é fruto da liberdade e fim da aprendizagem¹⁴, na leitura é preciso observar a “regra da ordenação” que, dentre outras coisas, diz que o texto possui três níveis de exposição que devem ser observados, logo, a leitura correta “(...) consiste em inquirir primeiro a frase, depois o sentido, depois o pensamento (...)”, já que a frase “é a organização apropriada das palavras (...). O sentido é o significado fácil e acessível que a frase apresenta à primeira vista (...) e o pensamento é um entendimento mais profundo(...)” que só se descobre por meio da interpretação.

¹⁴ Como podemos ler, por exemplo, em *Da arte de ler*, III, Cap. 10, p. 150-151: “Meditatio principium sumit a lectione, nullis tamen stringitur regulis aut praeceptis lectionis. Delectatur enim quodam aperto decurrere spatio, ubi liberam contemplandae veritati aciem affigat, et nunc has, nunc illas rerum causas perstringere, nunc autem profunda quaeque penetrare, nihil anceps, nihil obscurum relinquere”. (“A meditação começa com a leitura, mas não se amarra a nenhuma regra ou prescrição da leitura. Ela se deleita em correr pela campina aberta, onde fixa o livre olhar para a verdade a ser contemplada, e deleita-se em examinar ora estas ora aquelas causas, em penetrar as coisas profundas, em deixar nada ambíguo, nada obscuro”).



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16* (2013/1)

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

Além disso, é preciso atentar, também, para a “regra da divisão”, a qual é resumida por Hugo do seguinte modo: “(...) investigamos com a razão, à qual é próprio dividir, quando descemos dos universais para os particulares dividindo e investigando a natureza de cada coisa”¹⁵. De toda forma, dentre as normas colocadas para as atividades que exercitam o nosso engenho natural está o que poderíamos chamar de “regra da moderação ou do bom senso” e que não podemos deixar de citar: “O engenho nasce da natureza, melhora com o uso, se idiotiza com o trabalho desmedido, se aguça com o exercício moderado”.¹⁶

Ora, o pensador medieval está a nos dizer que a nossa capacidade para compreensão das coisas ou para o saber teórico ou, ainda, a nossa inteligência e a nossa memória precisam ser estimuladas com atividades que advêm da leitura e da meditação, como já vimos. No entanto, a noção de justa medida em tudo que fazemos e, portanto, a ponderação dos nossos atos é fundamental não só na nossa conduta de vida, mas também no aperfeiçoamento da nossa capacidade de entender e de memorizar. Por isso, o exercício melhora a força natural que temos para “conhecer”, mas feito de forma desmedida apenas nos idiotiza.

Assim, se é preciso saber dividir (no que se refere à leitura) é preciso saber sintetizar (no que se refere à memória). Logo, aqui é válida a “regra da síntese”, ou seja, “(...) aquilo que dividimos aprendendo, devemos sintetizá-lo para ser confiado à memória. (...) Procurar e centrar isto é resumir”¹⁷. Não se trata apenas de compendiar o que é lido, o resumo, para Hugo, não é apenas algumas páginas de texto abreviadas, remete antes para um conceito basilar em que toda a argumentação está fundamentada.

Resumir, portanto, é ser capaz de extrair do texto o que lhe dá sustentação e isso deve ser não só guardado na memória como revisitado frequentemente para que não se perca. Esse exercício da memória é narrado por ele de uma forma que une na língua latina o “saber” e o “sabor” (*sapere* e *sapere*), cujo jogo linguístico não é possível ser feito no português do Brasil e mesmo o Vitorino

¹⁵ *Da arte de ler*, III, Cap. 8 e 9, *passim*.

¹⁶ “Ingenium a natura proficiscitur, usu iuvatur, immoderato labore retunditur, et temperato acuitur exercitio”. *Da arte de ler*, III, Cap. 7, p. 146-147.

¹⁷ “(...) quae discendo divisimus, commendanda memoriae colligamus. (...) Hoc quaerere et considerare colligere est”. *Da arte de ler*, III, Cap. 11, p. 152-153.



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

não usando os dois termos latinos supracitados, a referência àquela relação é clara, pois ele diz que o resumo deve ser revisitado e, “do ventre da memória, ser chamado de volta para o paladar (...)”.¹⁸

Este gosto pelo saber, por sua vez, de nada adianta se não soubermos como conduzi-lo, isto é, não basta querer aprender, é preciso saber como aprender e esse *como* aparece no texto vitorino não apenas como um método, mas também como uma conduta: a moderação na leitura, o entendimento do que é importante no resumo, a preocupação em educar o aluno e não somente em demonstrar muitos saberes, tudo isso compõe com rigor e sensibilidade uma verdadeira conduta humana, cuja “regra da humildade” já pode ser percebida na “norma” de não multiplicarmos as explicações não pertinentes ao que está sendo estudado, o que se reflete também no tratamento que Hugo faz do uso da memória quando diz: “Afirmo que a memória do homem é fraca e gosta de brevidade, e se ela se dissipa em muitas coisas, fica menor em cada uma delas”.

Ou ainda, para encerrarmos esta reflexão sobre a memória: “Por isso, aconselho a você, estudante, a não alegrar-se excessivamente por ler muitas coisas, mas por entender muitas coisas, e não somente entender, mas poder memorizar. Do contrário, não adianta ler muito nem entender muito”.¹⁹

Passemos agora, com o intuito de concluir o nosso texto, à “regra da humildade”. Esta, no livro de Hugo, é antecedida por uma pequena reflexão sobre a disciplina moral. Ele diz que um certo sábio, ao responder a pergunta que lhe foi feita sobre o modo e a forma de aprender, falou: “Mente humilde (...), ânsia de querer, vida quieta, consideração silenciosa, pobreza, terra estrangeira, isto costuma descortinar a muitas coisas obscuras da leitura”.²⁰

Não deixa de ser curioso o fato de a resposta do sábio elencar, exatamente, os seis últimos aspectos que serão refletidos pelo pensador medieval no restante

¹⁸ “(...) et de ventre memoriae ad palatum revocare necesse est (...)”. *Da arte de ler*, III, Cap. 11, p. 152-153.

¹⁹ Respectivamente: “Hoc idcirco dico, quoniam memoria hominis hebes est et brevitatem gaudet, et, si in multa dividitur, fit minor in singulis”. / “Unde rogo te, o lector, ne nimium laeteris si multa legeris, sed si multa intellexeris nec tantum intellexeris sed retinere potueris. Alioquin nec legere multum prodest, nec intelligere”. *Da arte de ler*, III, Cap. 11, p. 152-153.

²⁰ “Mens (...) humilis, studium quaerendi, vita quieta, scrutinium tacitum, paupertas, terra aliena, haec reserare solent multis obscura legendi”. *Da arte de ler*, III, Cap. 11, p. 154-155.



do Livro III *De a arte de ler*: a humildade (mente humilde), a dedicação à pesquisa (ânsia de querer), a quietação (vida quieta), a análise minuciosa (consideração silenciosa), a sobriedade (pobreza) e o exílio (terra estrangeira).

Nesses últimos aspectos, texto, normatividade e disciplina moral se tocam e se complementam. Talvez, por isso, o Mestre de São Vítor não só exponha a disciplina moral antes dos aspectos referenciados logo acima, como afirma, numa espécie de comentário à resposta do sábio, que este acrescentou aos preceitos do aprender os preceitos do viver, “(...) para que o estudante conheça seja o modo de viver seja o modo de aprender”.²¹

A união do modo de viver com a teoria do estudo só é possível quando pautamos a nossa conduta na humildade, assim, os três ensinamentos acerca da humildade que colocamos no início do nosso texto podem ser retomados, agora, sob uma outra formulação. Dessa forma, reitera Hugo:

1) e 2) O estudante prudente, portanto, ouve todos com prazer, lê tudo, não despreza escrito algum, pessoa alguma, doutrina alguma. Pede indiferentemente de todos aquilo que vê estar-lhe faltando, nem leva em conta quanto sabe, mas quanto ignora.

3) Igualmente, lhe convém que, quando começar a conhecer alguma coisa, não despreze os outros. Este vício de vaidade ocorre a alguns, porque olham com demasiada diligência o seu próprio conhecimento e, parecendo-lhes de ter-se tornado alguma coisa, pensam que os outros não são como eles nem poderiam nunca sê-lo, sem conhecê-los.²²

A humildade, portanto, é o princípio de toda a normatividade do texto vitorino, pois Hugo ainda a relaciona aos outros aspectos ligados ao exercício, como a dedicação à pesquisa, a análise minuciosa e a sobriedade; e aos aspectos ligados à disciplina, como a quietação, a sobriedade e o exílio. Não é

²¹ “(...) ut et modum vitae suae et studii sui rationem lector agnoscat”. *Da arte de ler*, III, Cap. 12, p. 154-155.

²² Respectivamente: “Prudens igitur lector omnes libenter audit, omnia legit, non scripturam, non personam, non doctrina spernit. Indifferenter ab omnibus quod sibi deesse videt quaerit, nec quantum sciat, sed quantum ignoret, considerat”; “Similiter tibi quoque expedit, ut, cum tu aliquid sapere coeperis, ceteros non contempnas. Hoc autem tumoris vitium hinc quibusdam accidit, quod suam scientiam nimis diligenter inspiciunt, et cum sibi aliquid esse visi fuerint, alios, quos non noverunt, tales nec esse nec potuisse fieri putant”. *Da arte de ler*, III, Cap. 13, p. 156-157 e 158-159.



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16* (2013/1)

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

ao acaso que pensamos ser este último o coroamento da “regra da humildade”, pois o que significa exilar-se para aquele que filosofa senão um crescente desapego às coisas concretas, muitas vezes supérfluas, e um mergulho no conhecimento das coisas virtuosas, cujo aprendizado deve levar à libertação do homem.

Por isso, afirma Hugo no início do Cap. 19 que versa sobre o exílio: “Em último lugar pusemos a terra estrangeira, porque ela também exercita o homem. O mundo inteiro é um exílio para quem faz filosofia (...)”.²³

Viver exilado, essa é a condição do espanto filosófico e, portanto, condição de todo filosofar. Mas não se trata de se afastar do mundo e das pessoas que nele estão; trata-se antes de ver o mundo e as pessoas com olhar renovado. Trata-se, também, de um desapego que nada tem a ver com desprezo ou arrogância, mas com humildade, e que só aquele que procura a verdadeira *Sapientia* sabe realmente atribuir àquela o seu verdadeiro valor. Por isso, não podemos deixar de concluir nosso texto com as palavras finais de Hugo, do último capítulo do Livro III *Da arte de ler*.

Nessas últimas palavras a humildade e o exílio misturam-se à liberdade e ultrapassam não só as normas das regras de leitura, mas também a normatividade da conduta humana, ou seja, é tanto o Mestre da Escola vitorina quanto o homem de fé que fala aos seus alunos e, consequentemente, nos fala, pois ele quer preparar o caminho para o estudo das Escrituras Sagradas, mesmo sem fazer, em todo seu texto, recurso algum à autoridade dessas mesmas Escrituras. Ouçamos, então, para concluir, o que nos diz o Mestre Hugo sobre a humildade, o exílio e a liberdade, coroamento das “regras” até então expostas:

É um grande início da virtude para o ânimo exercitado aprender devagar a trocar primeiramente estas coisas visíveis e transitórias, para que depois consiga também deixá-las. É ainda delicado aquele ao qual a pátria é doce; todavia é já forte aquele para o qual qualquer terra é a pátria; mas na verdade é perfeito aquele para o qual o mundo inteiro é um exílio. O primeiro fixou o seu amor ao mundo, o segundo o espalhou, o terceiro o extinguiu. Eu mesmo desde menino tomei o caminho do exílio, e sei com quanta tristeza o espírito abandona o estreito fundo de um pobre tugúrio, mas sei também com qual

²³ “Postremo terra aliena posita est, quae et ipsa quoque hominem exercet. Omnis mundus philosophantibus exilium est (...)”. *Da arte de ler*. III, Cap. 19, p. 166-167.



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

liberdade, mais tarde, desdenha habitações de mármore e casas munidas de teto.²⁴

Resta, portanto, ao sábio/estudante, atento às “regras” apresentadas, seguir a ordenação do curso das estrelas (regra da ordenação), a divisão dos dias e das noites pela alternância do sol e da lua (regra da divisão), a moderação ou o bom senso na leitura e na meditação da natureza (regra da moderação), e a capacidade de extrair da leitura do mundo proporcionada pela leitura dos textos o que há de mais fundamental (regra da síntese), ou seja, a extinção do amor ao mundo e o pleno gozo do amor à *Sapientia*.

Em última análise, o exílio é um exercício de humildade que não só *desdenha habitações de mármore*, mas conduz a plena meditação, fim último da aprendizagem. Leitura dos textos, leitura do mundo, leitura da vida, eis o que nos parece essencial em *Da arte de ler* de Hugo de São Vítor.

Bibliografia

Textos primários

HUGONIS DE SANCTO VICTORE. *Canonici Regularis S. Victoris Parisiensis Tum pietate Tum doctrina insignis Opera Omnia tribus tomis digesta*, accurante J.-P. Migne, Parisiis, apud Garnier Frates, Editores et J.-P. Migne successores, 1879. Vol. 175, 176, 177.

HUGO DE SÃO VÍTOR. *Didascálicon – Da arte de ler*. Tradução Antonio Marchionni. Petrópolis: Vozes, 2001.

Textos secundários

ILLICH, Ivan. *Du lisible au visible, sur l'Art de lire de Hugues de Saint-Victor*. Paris: Éditions du Cerf, 1991.

LIBERA, Alain de. *A filosofia medieval*. Tradução de Nicolás Campanário e Yvone da Silva. São Paulo: Loyola, 1998.

MARCHIONNI, Antonio. *Introdução à tradução Da arte de ler*. Petrópolis: Vozes, 2001.

²⁴“Magnum virtutis principium est, ut discat paulatim exercitatus animus visibilia haec et transitoria primum commutare, ut postmodum possit etiam derelinquere. Delicatus ille est adhuc cui patria dulcis est; fortis autem iam, cui omne solum patria est; perfectus vero, cui mundus totus exsilium est. Ille mundo amorem fixit, iste sparsit, hic exstinxit. Ego a puero exsulavi, et scio quo maerore animus artum aliquando pauperis tugurii fundum deserat, qua libertate postea marmoreos lares et tecta laqueata despiciat”. *Da arte de ler*. III, Cap. 19, p. 166-167.



TÔRRES, Moisés Romanazzi (org.). *Mirabilia 16 (2013/1)*

A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média

La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media

Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Jan-Jun 2013/ISSN 1676-5818

ROSA, Antonio Donato. *Princípios fundamentais de pedagogia*. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1991.

SICARD, Patrice. *Hugues de Saint-Victor et son École*. Turnhout: Brepols, 1991.